

Unindo os pontos

Lucy R. Lippard

A noção de colaboração é particularmente importante para as mulheres artistas. Em primeiro lugar, subverte nitidamente a ênfase no “gênio” individual estimulado pelo capitalismo patriarcal e pela alienação modernista. Segundo, fornece sistemas de apoio mútuo em circunstâncias muitas vezes hostis. Terceiro, oferece um retorno imediato, um público íntimo com o qual é possível um intercâmbio, em vez de uma imposição. Por fim, a colaboração, e talvez este seja o aspecto mais importante, enriquece a percepção individual em áreas não exploradas pelo homem.

A necessidade de compreender esses aspectos se torna clara quando sabemos que o tema da última Bienal de São Paulo foi “vida” e que apenas uma artista mulher estava entre os artistas brasileiros selecionados – isso é somente “metade da vida”, e omite a “melhor parte”. O desenvolvimento da arte e da teoria relacionadas à experiência vivida pelas mulheres começou há 17 anos com o novo movimento de arte feminista, mas 17 anos não são suficientes para combater o condicionamento de milênios. Hoje, a questão crucial é saber como, a um só tempo, manter o que foi conseguido na primeira década do novo feminismo e continuar desenvolvendo e aprofundando nosso conhecimento sobre nossas próprias vidas. Apesar do progresso alcançado, artistas mulheres ainda batalham em um mundo dominado pelo homem, como os cartazes e os “boletins” criados pelas Garotas de Guerrilha [*Guerrilla Girls*] puderam mostrar com muita perspicácia.

Essas questões fazem parte da não-tão-oculta agenda do Projeto Conexus, e podem ser lidas nas entrelinhas das pinturas, cores, fios, linhas e arames dos trabalhos expostos e do livro coletivo. Josely Carvalho e Sabra Moore, suas organizadoras, têm partilhado experiências e colaborado há muitos anos com várias outras propostas artísticas. O programa do Projeto Conexus, portanto, é vasto e audacioso. Algumas artistas que receberam o primeiro questionário ficaram assustadas com o seu escopo, porém o alcance desse projeto reflete a enorme extensão e amplitude do movimento artístico feminista.

Em uma recente reunião de artistas mulheres de oito países “americanos”, realizada por ocasião da Bienal do Terceiro Mundo em Havana, em Cuba, as preocupações levantadas durante os debates foram exatamente as mesmas das feministas norte-americanas, apesar das diferenças culturais na maneira como essas preocupações foram expressas ou vividas. Entre elas, estão a dupla responsabilidade social das artistas que são esposas e mães no universo artístico institucionalizado, a disparidade de preços entre as obras de mulheres e as de homens, a maneira pela qual as diferenças de classe afetam a arte feminista e a questão permanentemente complexa de como a experiência feminina emerge nas imagens e nas formas propriamente artísticas.

Artistas não estão acostumados a responder questões globais. Tampouco as mulheres. Há no Projeto Conexus, todavia, uma firme orientação de que a voz das mulheres sobre os todos os temas relacionados à vida e à morte seja ouvida, sendo a cultura um dos principais veículos de transmissão do que elas têm a dizer. Na maioria das sociedades, o discurso público é dominado pelo homem. As artes visuais oferecem às mulheres vozes que podem ser sussurradas através de rachaduras nas paredes e gritadas além dos muros, alcançando espaços longínquos. Sabra Moore e Josely Carvalho vão ao âmago da questão: “Qual é a sua realidade e/ou fantasia sobre o nascimento, a contracepção, o aborto [...] sobre a habitação, o sexo, a agricultura, o cinema, a beleza como valor cultural, o prolongamento da vida, o

imperialismo cultural, o papel das multinacionais, a destruição dos recursos naturais, o racismo institucional, os sindicatos, o papel da igreja como instrumento de sobrevivência ou repressão, as condições nas prisões, os direitos legais, os sistemas políticos, a ameaça da III Guerra Mundial?”

Os oito livretos aparentemente encantadores (assim como a exposição dos trabalhos maiores, incompleta no momento em que escrevo este texto) podem ser vistos como um prolongamento do estereótipo feminino, em razão de sua delicadeza e das dimensões de seu formato. Na verdade, contudo, significam força sem alarde. Tornam-se um palimpsesto de imagens, surpreendentemente semelhantes, não surpreendentemente distintas. Certas imagens “femininas” se repetem, porém isso já não é mais uma questão controversa. Após 17 anos de arte feminista, sabemos que as mulheres realmente trabalham valendo-se de suas próprias experiências sociais, biológicas e políticas.

As obras de arte compreendem uma gama de estilos e técnicas aplainadas e simultaneamente realçadas pelo processo preto-e-branco do xérox, esse monstro tecnológico que, domesticado, torna-se um amigo. Há também um sutil elemento subversivo nesse modo de reprodução. Xerocar a arte original para distribuí-la de maneira mais ampla vai de encontro ao exagero do respeito comercial pelo objeto precioso, mas cuja preciosidade não se deve à sua unicidade física, nem ao seu valor de mercado. Arte que se comunica por intermédio do correio encontra outra arte pelo correio e se funde em uma nova criação, visualmente bilíngüe. Josely e Sabra imprimiram, elas próprias, cada um dos livretos: uma combinação de capricho e ideologia, uma metáfora para as tarefas estereotipadas de trabalho intenso (ou de escravidão) que as mulheres amam e odeiam. As capas refletem o método por meio do qual as idéias voaram de Norte a Sul – selos de bandeiras, conchas, faces de antepassados, peixes, flores e a liberdade fazendo-se passar pelo Estados Unidos. Nas páginas duplas, a colaboração levou algumas vezes a uma combinação gemelar e outras a trabalhos tão levemente ligados que mais parecem filhas rebeldes ou primas distantes.

Quando a antropóloga Shirley Ardener se dedicou a estudar a visão de mundo das mulheres em diferentes grupos, concluiu que, apesar de ninguém ser exatamente igual a algum outro, cada padrão de comportamento parece mostrar parte de um modelo partilhado. “Para compreender isso, devemos imaginar uma série de telas com aberturas que aparecem em lugares diferentes. Através de uma, podemos perceber um olho e uma orelha, através de outra, uma orelha e um nariz diferentes, de uma terceira, um olho, um nariz e uma boca, e assim por diante. Cada vislumbre é diferente em seus detalhes, mas permite evidências suficientes para construir a estrutura de um rosto e arriscar um salto imaginativo, a suposição da estrutura subjacente [...]”.

O “rosto” de Conexus, do mesmo modo, oferece um *patchwork* da forma global desconhecida da vida das mulheres. Não se chega a uma conclusão com base nessas evidências, mas os padrões estão presentes de maneiras sutis, disseminadas e tantalizantes, bem como resplandecentes em sua diversidade e complexidade. Se as vozes individuais ainda estão abafadas, esse coro de imagens, ao soar pelo hemisfério, poderá se tornar mais audível.